

DA MULTIMODALIDADE À INTERSEMIOSE: ANÁLISE ENUNCIATIVA-DISCURSIVA DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Heitor GRIBL¹

RESUMO: O presente artigo visa divulgar as reflexões realizadas durante a pesquisa sobre as antologias de gêneros disponíveis em Livros Didáticos de Língua Portuguesa, bem como da investigação sobre a abordagem oferecida pelas coleções didáticas para gêneros que apresentam mais de um sistema semiótico em sua forma composicional (linguagem verbal e visual). Para isso, apresentamos uma breve discussão do contexto atual desta pesquisa no cenário brasileiro em Linguística Aplicada para, assim, demonstrar a complexidade do objeto de pesquisa e das questões a ele envolvidas durante a elaboração das categorias de análise.

Palavras-chave: Livro Didático; Leitura; Linguagem verbal e visual; Multimodalidade e Multissemiose.

ABSTRACT: This paper aims to divulge reflections accomplished during the research on anthologies of available genres in Didactic Books of Portuguese Language, as well as the investigation on the boarding offered for the didactic collections for genres that present more than one semiotic system in its compositional form (verbal and visual language). For this, we present a brief discussion of the current context of this research in the Brazilian scene in Linguistics Applied for, thus, demonstrating to the complexity of the object of research and the involved questions it during the elaboration of categories of analysis.

Keywords: Didactic Books; Reading; Verbal and Visual Languages; Multimodality and Multissemiosis.

1. INTRODUÇÃO

A preocupação deste artigo é apresentar as reflexões realizadas durante a pesquisa (em fase de conclusão) sobre os limites e as fronteiras dos termos "multimodalidade" e "multissemiose" ao investigar materiais impressos em um enfoque enunciativo-discursivo. A apresentação é baseada na pesquisa (mestrado) sob o título: "Atividades de Leitura de Textos em Gêneros Multi- e Intersemióticos em Livros Didáticos de Língua Portuguesa". A proposta não é defender o uso de um ou outro termo, mas elaborar os conceitos de maneira mais precisa no contexto da investigação de materiais impressos.

Consoante aos interesses da Linguística Aplicada, as questões investigadas neste trabalho estão relacionadas à seleção da coletânea de textos das coleções voltadas à comunidade escolar e à abordagem pedagógica que os LDP oferecem nas atividades de leitura de textos multi- e intersemióticos, além da investigação das diferentes estratégias didáticas oferecidas/favorecidas nas seções de leitura desses gêneros e de seus funcionamentos.

¹ Mestrando em Linguística Aplicada – IEL – Unicamp. Bacharelado e Licenciatura em Letras – IEL – Unicamp.

Considerando que as coleções didáticas têm utilizado maior quantidade de imagens a partir dos avanços tecnológicos referente aos recursos gráficos e, conseqüentemente, do seu barateamento na impressão em cores, é preciso investigar quais imagens têm sido escolhidas para compor os LDP e qual tem sido o uso didático destas imagens articuladas com os textos e com o aprendizado de leitura.

Sabe-se que o termo “multimodalidade” está bastante difundido em trabalhos acadêmicos para referir-se aos estudos que envolvem textos verbais escritos e imagens, entretanto o termo ainda carrega consigo a herança teórica da dicotomia entre modalidades (advindas da oral-escrita, por exemplo), tendo sido ampliado seu uso pelo prefixo multi- para abordar outras formas de linguagem. Entretanto, estabelecer relações de sentido entre dois ou mais sistemas sígnicos/simbólicos pode também ser tratado como multissemiose, como alguns trabalhos fazem (Xavier, 2004, por exemplo).

Para definir, assim, quais semioses e quais linguagens estão envolvidas nas coletâneas de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, cabe discutir os prefixos uni-, multi-, inter-, baseado na tese de Buzato (2007) e para discutir modalidade e semiose, baseio-me em Barthes (1961, 1964), Santaella (2001), Kress (2003) e Lemke (2002).

Nos livros didáticos impressos, estamos diante de semioses diferentes, articuladas de maneira híbrida ou intercalada (Cf. Bakhtin, 1952-1953; Friedman, 2002), em sua forma composicional para construir o sentido do enunciado nos gêneros apresentados pelas coleções didáticas. Assim, de acordo com a maneira em que se articulam as linguagens dos gêneros discursivos presentes nas coleções didáticas, passamos a utilizar o termo multissemiose para os casos em que as diferentes semioses são apresentadas de maneira intercalada (ou em relação de ancoragem, segundo Barthes), enquanto o termo intersemiose servirá para os casos em que ocorre o processo de hibridização entre as linguagens que compõem um gênero (ou estabelecem relação de *relais*, segundo Barthes).

A contribuição da semiótica, sobretudo na obra de Santaella (2001) acerca das linguagens híbridas, serviu para compreender melhor as relações entre os diferentes tipos de linguagens encontrados nos materiais impressos, a saber: a linguagem visual, a linguagem verbal-visual e a linguagem visual-verbal, revistas sob a perspectiva enunciativa-discursiva na construção de gêneros que utilizam diferentes aportes sígnicos em sua forma composicional.

O corpus da investigação é composto por livros que participaram do PNLD/2008 (5ª a 8ª séries) e que apresentaram maior quantidade de gêneros discursivos multimodais/multissemióticos em suas coletâneas de textos. Apresentaremos, por fim, a discussão sobre a terminologia da pesquisa, partindo dos prefixos uni-, multi-, inter- e trans- e

suas implicações para futuras pesquisas voltadas para questões de leitura de gêneros verbais e não-verbais.

2. PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA

A Linguística Aplicada, área em que esta pesquisa se desenvolve, carregou a adjetivação "aplicada", por muito tempo, como uma herança teórica e metodológica da Linguística dita teórica, cabendo à Linguística Aplicada, desde a década de 1950, um campo de aplicações e verificações das teorias linguísticas. O trabalho do linguista era restrito ao de um mero aplicador de saberes advindos da tradição estruturalista e positivista, com apelo à uma busca objetiva pela verdade científica baseada em uma forte crença na consolidação de teorias hegemônicas.

A visão a-política e a-histórica acerca da linguagem presente em pesquisas linguísticas ainda se mantinha presente entre os linguistas aplicados, que tiveram sua origem teórica e histórica na Linguística e “que utilizavam seus saberes, suas descobertas, sua formação, seus resultados em práticas e contextos sociais, predominantemente, em questões práticas de ensino” (Damianovic, 2005, p. 184). Segundo Moita-Lopes (1996, p. 19), as pesquisas realizadas em LA eram realizadas por linguistas que “identificavam este tipo de pesquisa como secundário em relação à pesquisa principal”, sendo, assim, uma espécie de campo de provas para testar a eficiência de teorias universais sobre a língua, geralmente a partir de metodologias com traços comuns às das ciências naturais. Até meados de 1980, as pesquisas em LA no Brasil também seguiam as características do aplicacionismo, em posição “subserviente e sem foro próprio para o desenvolvimento de pesquisas e para teorização própria” (Celani, 1998, p. 130).

Nos anos 1980 em diante, o cenário nacional de pesquisas em LA passou a crescer significativamente, conforme o registro do aumento de trabalhos publicados ao longo dos dez primeiros anos do *Journal of Applied Linguistics* e do *Annual Review of Applied Linguistics* (ARAL). Diferentemente da Linguística, o interesse dos pesquisadores em LA, nessa época, estava voltado para os problemas relacionados à linguagem de maneira mais próxima ao que acontecia no "mundo real" dos falantes. Os fenômenos residuais das teorias universais da linguística clássica, ou seja, as exceções à regra geral das teorias consolidadas, passaram a interessar os pesquisadores em LA como forma de ampliar a noção de linguagem para além de sistemas fechados. Segundo Signorini (1998, p. 101),

a LA tem buscado cada vez mais a referência em uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas (...)

objeto esse que constitui [a LA] como campo de estudo distinto, não transparente e muito menos neutro.

Entretanto, a questão central da discussão epistemológica das ciências não está na facilidade ou dificuldade em explicar seus objetos de estudo, mas na construção de um arcabouço teórico capaz de fundamentar sua atividade científica (além de sua posição política dentro da academia). Este tem sido um assunto que tem gerado grandes discussões entre os pesquisadores em LA nos últimos anos ao refletirem sobre o próprio objeto de estudo e as teorias que colaboram para a fundamentação como disciplina. Não cabem, portanto, discussões acerca do caráter da cientificidade da LA, em comparação às outras ciências, ou do questionamento sobre a *abstração conceitual*, geralmente causada por seu caráter interpretativista. Os objetos de pesquisa da LA são complexos e múltiplos e exigem do pesquisador uma reflexão para além do que as áreas do conhecimento, isoladamente, explicam sobre esse objeto.

Segundo Pennycook (1998), por exemplo, para abordar a questão política da educação de línguas – campo em que nosso trabalho se insere –, a LA não possui, ainda, um arcabouço teórico suficiente capaz de dar sustentação a grande parte das pesquisas realizadas nessa linha. Na mesma direção, Evensen (1998) afirma ser uma questão complicada definir um arcabouço teórico da LA que não receba influências de outras teorias. Ao mesmo tempo, a partir de uma consolidação teórica hegemônica para a LA, estaríamos caminhando no mesmo sentido das investigações da Linguística clássica, em uma concepção de mundo modernista, ao invés de percorrermos em uma direção *pós-modernista*, segundo Kumaravadivelu (2006). Para este autor, a pesquisa em LA estava associada ao modernismo enquanto ainda operava segundo um paradigma de pesquisa positivista e prescritivo, investigando o uso da linguagem de modo descontextualizado de forma a reforçar um sistema de verdades, sem oferecer reflexão às questões de desigualdade social e às relações de poder. Havia um movimento centrípeto para a “preservação das macroestruturas da dominação linguística e cultural” pela LA modernista (Kumaradivelu, 2006, p. 139).

Na direção pós-modernista, o movimento é centrífugo, de forma a desafiar as hegemonias ao encontrar interpretações alternativas nas pesquisas em ciências sociais. Tal visão pós-modernista, para o mesmo autor, “procura desconstruir os discursos dominantes, tanto quanto os contradiscursos, ao fazer indagações nos limites da ideologia, do poder, do conhecimento, da classe, da raça e do gênero” (2006, p. 140). Para isso, os linguistas aplicados precisam investigar a linguagem para além de seu tratamento como sistema e passar a tratá-la como discurso.

Ao refletirem sobre suas práticas científicas, os pesquisadores têm estudado as bases epistemológicas e metodológicas da LA como uma área de produção do conhecimento transdisciplinar (Celani, 1998; Moita-Lopes, 1998; Rojo, 2006) como forma de definir a natureza da LA e seu arcabouço teórico (Evensen, 1998). Se, até meados de 1980, os pesquisadores em LA realizavam empréstimos de teorias de diversas áreas do conhecimento, as abordagens atuais buscam uma maior autonomia na formulação de seus referenciais teóricos, a partir da reconfiguração dessas teorias de acordo com as necessidades e complexidades que o próprio objeto de estudo impõe ao pesquisador. A reconfiguração ocorre ao se buscar compreender o mesmo objeto a partir de diferentes vozes teóricas, sem se submeter às interpretações de cada área do conhecimento. Segundo Moita-Lopes (2006, p. 98):

os limites da LA estão se alargando, assim como os limites das humanidades e das ciências sociais em geral. A LA tem de mudar, a menos que queiramos trabalhar isoladamente seguindo roteiros investigativos que claramente não são muito elucidativos para nos **ajudar a compreender a complexidade das questões que nos confrontam o cotidiano.** (ênfase adicionada)

Segundo Celani (1998, p. 131), a LA tem passado do estágio de campo multi/pluri/interdisciplinar para o de campo transdisciplinar. Enquanto, no primeiro caso, as outras áreas do conhecimento seriam somadas como forma de compreender os fenômenos próprios da LA, por outro lado, na visão transdisciplinar, o pesquisador não faria uma simples justaposição de teorias. A transdisciplinaridade pressupõe, segundo a autora e em uma visão muito próxima à de Moita-Lopes (1996) e de Serrani (1990), a interação de pesquisadores advindos das diferentes áreas do conhecimento a fim de se dar conta da problematização que a abordagem do objeto de estudo provoca em cada área. Dessa forma, o linguista aplicado passa a ter a linguagem como base de sua pesquisa, olhando para as disciplinas a sua volta e através delas, de acordo com as necessidades que seu objeto de pesquisa lhe impõem.

A partir da década de 1990, a LA passou a se preocupar com problemas da linguagem enfrentados por comunidades de falantes, segundo questões sociais relevantes que exigissem respostas teóricas e benefícios sociais como resultado de suas pesquisas. Essa abordagem crítica sobre a linguagem teve, como base, a interpretação sócio-cultural ou sócio-histórica sobre os participantes das comunidades pesquisadas, compreendendo-os como sujeitos múltiplos, contraditórios e construídos dentro dos diferentes discursos (Pennycook, 1998, p. 23-25).

Em suma, ao considerarmos a Linguística Aplicada (LA) como Ciência Social Aplicada (Moita-Lopes, 1998) ou como disciplina que investiga a linguagem em uso nos

variados campos da sociedade, que são, portanto, de natureza complexa (Signorini, 1998), faz-se necessário refletir primeiramente acerca dos paradigmas e das metodologias científicas empregadas pela LA para a abordagem de seus objetos de pesquisa e, conseqüentemente, sobre a integração de outras disciplinas para se compreender os fenômenos linguísticos e discursivos próprios de cada objeto de pesquisa. Ainda que sejam tomadas as teorias das disciplinas de referência (ou mesmo seus objetos), a LA passou, recentemente, a reconfigurar os conceitos em uma perspectiva transdisciplinar de pesquisa de acordo com o contexto de investigação e a partir do objeto de pesquisa. O olhar reconfigurado das teorias permite, assim, uma nova visão sobre o objeto, sem que as reformulações teóricas sejam “coincidentes nem redutíveis às contribuições das disciplinas de referência” (Signorini, 1998, p. 99).

Nas duas últimas décadas, a ampliação e o acesso das tecnologias digitais, associado ao processo de globalização, trouxe mudanças significativas nas relações entre os falantes que envolvem linguagem e cultura, além de novas necessidades de letramentos apontadas por Rojo (2007, a sair, pp. 2-3): a dinâmica da circulação da informação em meio digital que altera a maneira de ler, escrever e circular textos socialmente; a redução das distâncias espaciais e temporais, *desenraizando as populações e desconstruindo identidades*, e, finalmente, a expansão do conceito de leitura a partir das novas possibilidades hipermidiáticas do texto eletrônico que, vistos de forma mais ampla, alteram a relação do leitor com as já existentes formas de leitura e suas diferentes modalidades. Segundo a autora, “esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, LDs)” (Rojo, 2007, a sair, p. 3).

Nesse sentido, a pesquisa sobre o livro didático e as abordagens da leitura de textos multissemióticos apresentadas pelos LDP nacionais se torna um objeto genuíno a ser tematizado em Linguística Aplicada, por possibilitar uma investigação que é relevante socialmente na medida em que está intimamente relacionada à construção dos letramentos em língua materna e às recentes necessidades acarretadas pelas novas tecnologias de textos, envolvendo diferentes abordagens teóricas para a sua compreensão (tanto diante do uso das linguagens visuais presentes nas coletâneas das obras didáticas quanto pelo trabalho pedagógico de leitura apresentado pelos autores/editores). Tal investigação pode também ter impacto em mudanças sociais, ao realizar uma proposição de critérios de avaliação mais precisos para as futuras edições do PNLD e ao colaborar para a elaboração de perspectivas de trabalho com a leitura escolar de textos multissemióticos.

3. MODALIDADES DA LÍNGUA E OUTRAS SEMIOSES

Passamos, neste momento, a discutir as origens e limitações dos termos e dos conceitos estudados pelas teorias linguísticas que envolvem diferentes *modalidades* de representação da língua, bem como a expansão do conceito de modalidade para a compreensão dos fenômenos que ocorrem em outras semioses.

Segundo Rojo (2001, p. 54), a partir do conceito de modalidades de língua, muitos autores apontam para os traços distintivos entre a escrita e a fala a partir de suas materialidades (som e grafia), determinando aspectos mais intimamente relacionados à produção e à recepção. Essa visão dicotômica entre as modalidades oral e escrita da língua gerou muitos mitos, entre eles o de que a escrita seria capaz de fazer atingir estágios mais complexos e desenvolvidos da cultura e da organização cognitiva do indivíduo. Em uma palavra, fala e escrita, tradicionalmente seriam vistas como “modalidades” dicotômicas e estanques da língua.

Como forma de superar o paradigma da dicotomia entre modalidades, Marcuschi (2000) buscou relativizar os dois pólos sugerindo um *continuum tipológico* entre as modalidades da língua, baseado nas práticas sociais de produção textual. Essa abordagem está embasada nas teorias de gêneros textuais e considera a fala e a escrita como sendo parte de um mesmo sistema da língua. Embora tenha relativizado a dicotomia entre as modalidades, a hipótese do *continuum* de Marcuschi ainda pressupõe a existência de dois pólos distintos – homogêneos e prototípicos.

Ainda, segundo o autor, do ponto de vista semiológico, a fala e a escrita podem apresentar peculiaridades e diferenças, de tal modo que a escrita não representa a fala. Esta última, por sua vez, realiza-se de maneira **multissistêmica** (palavras, gestos, mímica etc.) enquanto os textos escritos, segundo o autor, "também não se circunscrevem apenas ao alfabeto (envolvem fotos, ideogramas, por exemplo, os ícones do computador e grafismos de todo tipo)" (Marcuschi, 2000, p. 39).

No caso da leitura de imagens que se relacionam a textos verbais escritos, muitos estudiosos mantiveram o paradigma da organização verbal para descrever um sistema de significação não-verbal, aparentemente ainda até os dias atuais. Entretanto, buscamos em uma abordagem interpretativa enunciativo-discursiva um caminho possível que considere a imagem como linguagem e como gênero discursivo, a partir da mútua constitutividade entre as modalidades verbal e visual na elaboração de gêneros nos quais a forma composicional é responsável por organizar a disposição dos elementos a serem lidos/vistos nos materiais impressos, no caso desta pesquisa.

Ao relativizar as fronteiras do verbal e do não-verbal, Frade (2004) considera que apesar de não se tratar de um código (*sic*), a imagem possui suas próprias regras, constituídas de maneira diferente das da linguagem verbal que tornam possível determinar uma certa lógica na construção de sentidos, sempre interpretada sob a forma de representação social. Segundo Frade (2004, p. 3),

apesar de possuir seus próprios códigos, a imagem conjugada com o texto pode alterar sobremaneira os significados, tendo em vista que exerce uma forte influência na construção de referentes e, especialmente, quando é relacionada com elementos específicos de cada tipo de suporte, de cada gênero textual, possibilitando, na passagem da imagem para a palavra e da palavra para a imagem, a constituição de um universo simbólico de identificação e de partilhamento de referências. Consequentemente, uma certa dicotomia entre texto e imagem pode dificultar análises mais complexas das mensagens. Texto e imagem podem ser definidos separadamente, mas também em relação, sobretudo quando se conjugam estes dois recursos no produto final dado a “ver” ou “ler”.

Para compreender, assim, os termos e conceitos utilizados na pesquisa a qual este artigo faz referência, apresentamos a seguir a discussão dos critérios de análise com a finalidade de delimitar as fronteiras e os limites de nosso objeto de pesquisa: o livro didático impresso de língua portuguesa.

4. OS PREFIXOS UNI-, MULTI-, INTER- E TRANS-

Pesquisas recentes têm apontado para discussões acerca da relação entre as modalidades verbais e outras manifestações de linguagem, sobretudo a visual, em materiais impressos ou em meios digitais. A essa relação, tem-se denominado *multimodalidade*, traduzido do inglês *multimodality*. Entretanto, há que se refletir acerca do termo *multimodalidade* de modo a compreendê-lo melhor, uma vez que há um certo desgaste do termo, sendo preciso reconhecer suas limitações. Primeiramente, buscamos separá-lo do prefixo *multi-* para compreender mais precisamente as noções teóricas advindas da semiótica que envolvem o termo *modalidade*.

Na semiótica, o termo *modalidade* é utilizado para denominar as manifestações de diferentes qualidades de percepção sensorial: a verbal, a visual e a sonora. Como exemplo, tomemos o caso das linguagens visuais: a pintura, a fotografia e a imagem produzida digitalmente constituem três modalidades diferentes. Os paradigmas de produção da imagem, neste caso, são classificados de acordo com sua materialidade, buscando compreender os instrumentos utilizados para sua produção e sua influência sobre os efeitos de sentido durante o processo de interpretação. Segundo Santaella e Nöth (1999), as modalidades visuais são distribuídas pelo paradigma pré-fotográfico (artesanais: pintura, gravura, desenho),

fotográfico (mecanicamente registrado pela câmera) e pós-fotográfico (produzidos pelo computador ou por meio de montagens de imagens).

Nesse sentido, o termo *multimodal* talvez fosse mais apropriado para referir-se à relação entre diferentes modalidades dentro de um mesmo sistema semiótico, seja o verbal (oral e escrito) ou visual (pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico).

Dessa forma, pensamos na possibilidade de se usar também o termo *multissemiótico*. Xavier (2004, p. 175) considera que a multissemiose pode ser definida como os "diferentes aportes sígnicos e sensoriais numa mesma superfície de leitura". Esta definição pode ser aceita quando trabalhamos com materiais impressos, podendo tornar-se questionável em contextos em que o termo "superfície" não seja o mais adequado, como seria o caso de ambientes digitais que fazem uso da matriz sonora e em que as telas não podem ser consideradas exatamente uma superfície ou suporte de linguagens. Nesse sentido, sugerimos que a definição de Xavier sobre a multissemiose seja reconfigurada, passando a considerar que a combinação de diferentes sistemas semióticos durante a composição de enunciados em um gênero discursivo seja entendida como *multissemiose* ou como *intersemiose*, de acordo com as relações de intercalação ou hibridismo, respectivamente, entre as diferentes linguagens envolvidas.

Contudo, seria necessário, ainda, compreendermos os prefixos que acompanham os termos *modalidade* e *semiose*. Buscando reduzir as contradições entre as teorias postas em diálogo, é importante ressaltar que consideramos o fato de que há diferença entre a *natureza/organização* dos gêneros e as *abordagens/formas de interpelação* dos textos. Para dar início a essa discussão, recorreremos ao diagrama de prefixos proposto por Buzato (2007, p. 29), reproduzido pela Figura 1, a seguir:

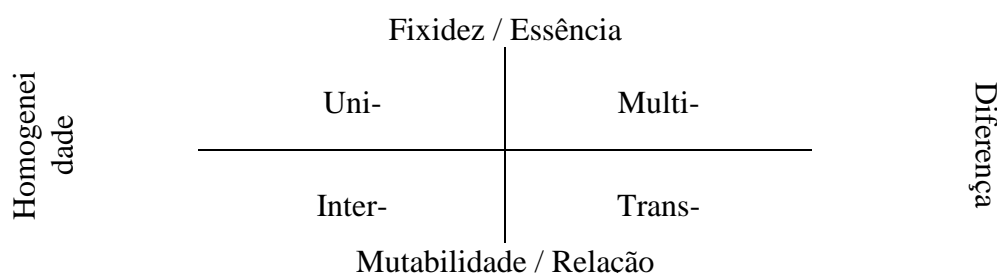


Figura 1: Relações indicadas pelos prefixos (BUZATO, 2007, p. 29)

A começar pelo prefixo **uni-** (do latim *unire*, unir, formar um só), combinado com os termos *modalidade* ou *semiose*, teríamos, na verdade, uma ilusão de unicidade causada por um olhar atento apenas a um dos aspectos presentes na linguagem, seja verbal ou visual, ignorando que, por exemplo, a mancha do texto impresso também poderia ser apreendida

como imagem. Considerar, neste caso, a unimodalidade ou a unissemiose de um gênero seria não levar em conta, por exemplo, que a organização da página pode trazer sentidos ao leitor que está diante dela, seja para lê-la ou para vê-la. O prefixo *uni-* serve-nos para identificar os casos em que as *abordagens/formas de interpelação* realizam fusão ou redução (justificada ou não) das linguagens envolvidas. Assim, o termo *unissemiose* pode ser utilizado, quando for verificada a abordagem de apenas uma das semioses de um texto/gênero, seja verbal ou visual, ou quando os textos, à parte as interferências que recebam do projeto gráfico-editorial adotado para a composição da *mise-en-page* (Chartier, 1996), forem reproduzidos em seu suporte original a partir de uma única semiose.

O prefixo **multi-** (do latim *multus*, mais de um, muitos), combinado com os termos *modalidade* ou *semiose*, pressupõe a diversidade de modos ou de sistemas sígnicos, respectivamente, que um gênero apresenta, mantendo ainda a essência das partes que o compõem. O termo *multissemiose* pode ser utilizado para classificar os gêneros que apresentam diferentes semioses, por exemplo, a verbal na modalidade escrita e a visual em suas diferentes modalidades, sem que ofereçam, contudo, uma abordagem de inter-relação semiótica na construção dos sentidos do gênero discursivo. O termo também pode ser adotado quando os gêneros apresentados nas coleções didáticas, à parte as interferências que recebam do projeto gráfico-editorial adotado para a composição da *mise-en-page*, forem reproduzidos em seu suporte original a partir de mais de uma semiose.

O prefixo **inter-** (do latim, *inter-*, entre) combinado com os termos *modalidade* ou *semiose* permite-nos refletir acerca da relação entre os elementos que constituem um texto em um gênero. A *intermodalidade* pode ser compreendida como a inter-relação entre as modalidades de um mesmo sistema sígnico sob a forma de intertexto ou interdiscurso. As relações possíveis de intermodalidade podem ocorrer no nível temático (intertextualidade temática) ou no nível discursivo (interdiscursividade, no caso de paródias ou releituras). De maneira semelhante, a intersemiose pode ser encontrada em gêneros que estabelecem relações entre diferentes sistemas sígnicos (advindos das matrizes verbal, visual e sonora) ao explorarem relações de intertexto e interdiscurso em diferentes semioses.

Em relação ao prefixo **trans-** (do latim, *além de, através, para trás, em troca de* ou *ao revés*) poderia ser brevemente delineado como sendo a transposição das fronteiras existentes entre as modalidades ou entre as semioses na composição de um texto em um gênero, provavelmente em situações de transformação de uma mídia para outra. Atualmente, a *transemiótica* é um termo utilizado em estudos acerca da tradução (ou adaptação) de livros literários para obras audio-visuais cinematográficas. Santaella (2001, p. 380) não chega a

utilizar o termo *transemiótica*, mas sugere reflexões que poderão ser aprofundados em trabalhos futuros, sobretudo naqueles que buscarem refletir acerca das traduções ou transposições de mídias diferentes. Segundo a autora,

o potencial tradutor de uma mídia pela outra também cria constelações bastante curiosas. Que estatuto lógico-semiótico tem, por exemplo, o texto de uma peça de teatro shakespeariano ao ser traduzido para o cinema, para ser gravado em vídeo e assistido em casa?

Assim, os textos que compõem as coletâneas de LDP poderão ser analisados, nesta pesquisa, a partir da investigação da natureza das semioses (uni-, multi-, inter-), na construção de sua forma composicional, responsável por efeitos de sentido que podem (ou não) ser abordados/interpelados nos encaminhamentos de leitura dados pelos autores de LDP.

Em suma, tais categorias não são estanques para classificar nosso objeto de pesquisa e, menos ainda, não se trata de um modelo imutável para qualquer outro tipo de material em futuras pesquisas. Servem-nos somente para oferecer maior visibilidade sobre a natureza semiótica da forma de composição dos gêneros das coletâneas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-1953/1979]. Pp. 261-306.

BARTHES, R. A Mensagem Fotográfica. In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Original publicado em 1961 em *Communications*. Pp. 11-25

_____. A Retórica da Imagem. In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Original publicado em 1964 em *Communications*. Pp. 27-43.

BUZATO, M. K. **Entre a fronteira e a periferia**: linguagem e letramento na inclusão digital. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: Unicamp. 2007.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. (orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 129-142.

DAMIANOVIC, M. C. O linguísta aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. **Linguagem & Ensino**, Vol. 8, No. 2, 2005 (181-196). Disponível em: http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v8n2/mcristina_damianovic.pdf. Acesso em abril/maio de 2007.

EVENSEN, L. S. A Linguística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (orgs.),

Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 81-98.

FRADE, Isabel C.A.S. Imagem, texto e elementos de composição como recursos expressivos de estruturação de revistas pedagógicas, 2004. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/tp.htm>. Acesso em: jan/2006.

FRIEDMAN, S. S. "Border Talk" Hybridity, and Performativity: Cultural Theory and Identity in the Spaces between Difference. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n.61, p.1-17, 2002. Disponível em: <http://eurozine.com/pdf/2002-06-07-friedman-en.pdf> . Acesso em: ago/2008.

KRESS, G. **Literacy in the new media age**. London and New York: Routledge, 2003, 186p.

KUMARAVADIVELU, B., A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 129-147.

LEMKE, J. L. (2002) Travels in Hypermodality. City University of New York, working draft, Disponível em: <http://www-personal.umich.edu/~jaylemke/papers/hypermodality/index.htm>. Acesso em jul/2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a Escrita: atividades de retextualização**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004 [2001], 134 p.

MOITA-LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

_____. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. (orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 113-128.

_____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-105.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. Trad. Denise B. Braga e M^a Cecília S. Fraga. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 23-50.

ROJO, R. H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: MARCUSCHI, A. L. et al.; SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. Pp. 51-76

_____. Fazer Linguística Aplicada em uma perspectivas sócio-histórica: Privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 253 e segs.

_____. Coletâneas de textos nos livros didáticos de Língua Portuguesa: Letramentos possíveis. In: COSTA VAL, M. G. & ROJO, R. H. R. (orgs.) **Alfabetização e letramento: o que ensinam os livros didáticos?**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, (2007) a sair.

SANTAELLA, L. & NÖTH, W. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 4a. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005, 224 p.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: Sonora, Visual, Verbal. 3. ed., São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2001, 432 p.

SERRANI, S. Transdisciplinaridade e Discurso em Linguística Aplicada, in: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 16, 1990, Campinas, Unicamp, pp. 39-46.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 99-110.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C et al. (Orgs.). **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, Pp. 33-148. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2008.